

REVISTA
MEMÓRIAS LGBT+FEMINISMO

Museus, Memória e Museologia **LGBT+Feminismo**



Revista Memórias LGBT
Ed. 12 - Ano 7 - 2º Semestre de 2020
ISSN 2318-6275



Expediente

Revista Memórias LGBT

Ano 7 – ed. 12

ISSN 2318-6275

www.memoriaslgbt.org

www.memoriaslgbt.com

revista@memorialgbt.org

Distribuição Gratuita

Revista Memórias LGBT

Editor Chefe: **Tony Boita**

Redação: **Jean Baptista**

Direção de Arte: **Aline Inforsato**

Arte da Capa: **Allinny Raphaelle**

Organização do II Seminário
Memória, Museus e Museologia
LGBT + Feminismo

Comissão Organizadora:

Jezulino Lúcio Mendes Braga
(UFMG), Tony Boita (Rede
LGBT), Camila Moraes Wichers
(UFG), Ana Audebert (UFOP),
Allinny Raphaelle (UFG),
Jean Baptista (UFG)
e Marlise Giovanaz (UFRGS).

Realização: Bacharelado em
Museologia | Escola de Ciência
da Informação | UFMG, Rede
LGBT de Memória e Museologia
Social, GT Museus, Gênero e
Sexualidade do IV Sebramus
e Revista Memória LGBT.

Os conteúdos publicados são
de inteira responsabilidade
de seus autores. As opiniões
neles emitidas não exprimem,
necessariamente, o ponto de
vista da Revista Memórias LGBT
e de seu editor.

A revisão gramatical
e ortográfica dos textos é de
exclusiva responsabilidade
das pessoas que escreveram
os textos

Editorial

Esta é uma edição especial da **Revista Memória LGBT** por diversos motivos, alguns festivos, outros nem tanto.

Em primeiro lugar, é uma edição cheia de gratidão. Trata-se de um material financiado coletivamente por pessoas que acreditaram neste projeto. Agradecemos a Alexandre Gaspari, Aparecida Paiva, Augusto Francelino, Benito Schmidt, Camilo Braz, Cassiano Bovo, Cesar Barcelos Junior, Eder Eddine, Eliane Martins de Freitas, Eliane Muratore, Gabriel Andrade de Freitas, Gabriel Thier, Geyzon Dantas, Inês Gouveia, Jezulino Lucio Braga, Luciana Alves, Luiz Morando, Manuelina Duarte Cândido, Marcelo Araujo, Maria Luiza Rodrigues, Ronaldo Oliveira, Simone Ramos, R.M. e Tatielle Brito Nepomuceno.

Em seguida, alegre ver que se trata de uma edição dedicada exclusivamente às palestras do II Seminário Brasileiro de Museus, Memória e Museologia LGBT+Feminismo (SeBraMus LGBT+), evento que reúne importantes pesquisas acadêmicas desenvolvidas no país quando interseccionam o tema LGBT (sigla em Políticas Públicas) e o feminismo.

Este evento e textos resultam de duas importantes articulações: a Rede LGBT de Memória e Museologia Social, a cada ano mais próxima de profissionais de museus feministas, e o Grupo de Trabalho Corpo, Gênero e Sexualidade do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), lá já a somar quatro edições. Mais do que nunca, o argumento de que tais estudos são inexistentes ou restritos a um coletivo cai por terra: a Museologia LGBT e a Museologia Feminista, plurais em forma e nomeações, consolidam-se como campo de pesquisa presentes na academia e comunidades.

Por fim, nos pesa a dor de estar a escrever e realizar estas atividades no contexto de um país que passa os 100 mil mortos por uma doença que bem poderia ser controlada mediante a adoção de medidas protetivas massivas. Guardadas as particularidades, é inevitável lembrar o abandono que a comunidade LGBT foi jogada pelo negacionismo político quando a epidemia do HIV alcançou o planeta, fenômeno responsável até hoje por milhares de mortes. No que nos cabe, os museus e a Museologia que nos interessa farão seu papel: não as esqueceremos.

Protejam-se, mas não se calem,
Jean Baptista e Tony Boita

Sumário

4

O que é *Museologia LGBT?*

10

O que é *Museologia Feminista?*

35

Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros

60

Educação para a diversidade de gênero nos museus: algumas provocações

20

Ensino em Museologia e problemáticas metodológicas para uma Museologia LGBT: caminhos para uma política de acervos no Museu da Diversidade Sexual

41

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

51

A presença feminina nas Artes, na Museologia e no Patrimônio Cultural

64

Território, Memória e *Viadagens*: Notas para uma Musealização da *Fecheção*

24

Experiências do Curso de Museologia da UFRGS no universo LGBT

28

As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiaspóricas

48

Coletivo Memória & Resistência e a memória LGBT da zona leste de São Paulo.

56

Museologia Feminista e direito à Memória

70

O *Youtube* enquanto ferramenta para salvaguarda de memórias do Movimento LGBTQ+ e de Mulheres em Rondônia

74

Percursos do Pensamento LGBTQ+ Brasileiro

EXPERIÊNCIAS do Curso de MUSEOLOGIA da UFRGS no UNIVERSO LGBT

Marlise Giovanaz

(Docente do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A partir do mês de maio deste ano (2020) todos temos tido a possibilidade de pensar e estudar diversas questões que emergiram junto ao movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam - movimento gerado após o assassinato do afro americano George Floyd por um policial, em uma abordagem na cidade de Minneapolis, EUA, no dia 25 de maio de 2010). A morte de um cidadão, transmitida ao vivo, realizada por um representante do Estado, permitiu que fossem postos muitos questionamentos e manifestações por parte da sociedade civil. Afinal, quais vidas realmente importam? Qual História realmente representa a sociedade?

Um dos pontos principais que pautaram os debates posteriores a este acontecimento foi o ataque a monumentos públicos, apontados como sendo testemunhos de uma história narrada por sujeitos brancos, capitalistas e heteronormatizados. Esta é de fato a história contada por estes marcos, chamados por Le Goff (1996) de documentos monumentos, espalhados cuidadosamente pela cidade. Qualquer observador da cidade pode, sem muito esforço de catalogação, perceber a quase total ausência de

mulheres, de negros e de representantes dos grupos LGBT nestas homenagens públicas. Em geral estes monumentos se legitimam no discurso histórico oficial, que se apresenta como uma narrativa sobre o passado, fundamentada em fontes, que lhe conferem verossimilhança e sentido. Porém, cabe perguntar: como são escolhidos estes heróis? Como são selecionadas estas fontes documentais ou materiais? Em que

contexto histórico aquele monumento foi erigido? Por quem? Todas estas perguntas devem ser feitas a todos documentos históricos, atitude que nos possibilita uma leitura crítica deste processo.

Possivelmente teríamos a mesma impressão ao analisarmos os acervos museológicos existentes em nossos

museus históricos, estes testemunhos do passado, alguns selecionados cuidadosamente, outros que resistiram pelo acaso, atestam narrativas muito semelhantes. Todos os grupos sociais que foram marginalizados, seja pela economia, pela moralidade ou pelo discurso médico, têm dificuldades em colocar-se na história, pois os acervos documentais e de objetos praticamente não os contemplam. Como já alertava Mariuzzo em 2016, qual lugar ocupam as mulheres, os negros, os gays nos espaços

Todos os grupos sociais que foram marginalizados, seja pela economia, pela moralidade ou pelo discurso médico, têm dificuldades em colocar-se na história

museológicos? A autora questiona em seu texto as escolhas que determinaram a constituição dos acervos e exposições museológicas e propõe a museologia de gênero, em uma tentativa de ocupar esses espaços para reverter essas ausências em afirmação de identidades femininas, LGBT ou étnico-raciais.

Como confirma o estudo de Boita (2014) atualmente ainda é quase nula a existência de museus dedicados às temáticas LGBT, o que temos visto é uma progressiva consolidação de acervos, em geral associados a grupos de militância, que certamente valorizam o papel destes na construção de uma cidadania LGBT. A temática tem aparecido na última década a partir de exposições temporárias em diversas partes do país e se consolidou em 2012 na criação do Museu da Diversidade na cidade de São Paulo.

O campo museológico também se transformou muito nos últimos 50 anos, principalmente devido ao advento da Museologia Social, o espaço de trabalho e de atuação da museologia em geral foi ampliado e estendido a muitos grupos que se encontravam à margem dos museus. A proposta da Museologia Social, de realizar um diálogo com as comunidades e os grupos que se encontravam antes excluídos do discurso museológico, já vem gerando impactos no campo há algum tempo (BAPTISTA; BOITA, 2017).

Tive a oportunidade de fazer parte do grupo que criou o Curso de Museologia na UFRGS, em 2008. Naquele primeiro momento, contando ainda com pouquíssimos profissionais museólogos, o espaço para a reflexão sobre a temática LGBT não foi contemplado com o devido espaço. Porém, é na caminhada que se realiza o aprendizado, e foi pelos desafios que nos foram apresentados, seja pelos alunos, seja pela sociedade em geral que este tema passou a ser tratado, debatido e se tornado objeto de exposição e de acervo em nosso grupo de trabalho. Não considero que o debate sobre gênero e sexualidade deva restringir-se a um conteúdo curricular, porém é importante que também neste aspecto os futuros museólogos tenham

a oportunidade de conhecer o debate acadêmico e a produção bibliográfica já produzida. O Curso de Museologia da UFRGS estabeleceu uma disciplina inicialmente no formato optativo e a partir de 2019 em caráter obrigatório, chamada Museologia e Diversidade, que pretende oferecer aos discentes um panorama inicial deste debate. Obviamente não se pretende esgotar estes temas em 60hs aula, porém é já um primeiro passo. Além disto, também foi considerado no Projeto Pedagógico do Curso este tema como transversal, o que permite que a abordagem seja diluída em diferentes experiências dentro do currículo.

A solução mais utilizada pelo nosso grupo de professores tem sido o trabalho a partir de Projetos de Extensão. Nos últimos quatro anos o Curso de Museologia participou de duas exposições que deram conta do tema LGBT. Nos dois eventos contamos com uma parceria importante, o *nuances* – Grupo pela Livre Expressão Sexual, associação criada na cidade de Porto Alegre em 1991, que se consolidou como um dos principais representantes do movimento político e de representação da comunidade LGBT no Rio Grande do Sul. O Curso de Museologia foi convidado pelo grupo *nuances* a participar do processo de curadoria compartilhada de uma exposição (Figura 1) proposta e liderada pelo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJJF), instituição municipal que era comandada naquele momento pela diretora Letícia Bauer. Como relata Bauer (2018), diretora do MJJF, a curadoria optou pela concepção da narrativa expositiva a partir de dois eixos: a trajetória de indivíduos LGBT que se destacaram na luta pela garantia de direitos civis; e por outro lado na identificação de territórios ocupados pela comunidade LGBTI na cidade de Porto Alegre (BAUER; BORGES, 2018). Além do MJJF e *nuances*, participaram também o Memorial da Justiça Federal, o grupo Igualdade (Associação de Travestis e Transsexuais do RS), a Pró Reitoria de Extensão, o PPG História e o Curso de Museologia, os três últimos como representantes da UFRGS.



Convite Exposição “Uma Cidade pelas Margens” Arte para Convite a partir de fotografia do acervo da Fototeca Sioma Breitmann, MJJF, 2016.

Esta foi uma exposição temporária, que teve a duração de em torno de 40 dias. Este evento foi provavelmente a primeira atividade com esta temática a ocorrer em uma instituição museológica no RS. Foi uma oportunidade aos docentes e discentes de nosso grupo em trazer ao debate a temática LGBT e sua relação com a História e com a Museologia.

Não devemos esquecer que no ano seguinte foi realizada no Santander Cultural de Porto Alegre a Exposição QueerMuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira (MENDONÇA, 2017), que foi fechada após pouco mais de 20 dias de sua abertura depois de ataques de grupos conservadores diretamente no espaço expositivo e também em redes sociais. A exposição “Uma Cidade pelas Margens” de 2016, acontecida menos de um ano antes, não provocou nenhuma reação parecida, ao contrário, foram recebidos e registrados muitos relatos de acolhida à temática e à iniciativa como um todo.

Em 2018 o *nuanças* novamente procurou o Curso de Museologia da UFRGS com o intuito

de realizar uma exposição comemorativa aos 50 anos da Revolta de Stonewall. O Curso como um todo se mobilizou e optou por formar um grupo de docentes, técnicos e discentes para realizar esta atividade em formato de Projeto de Extensão, que aconteceu no espaço do Memorial do Rio Grande do Sul, prédio ao lado do Santander Cultural, onde havia acontecido a exposição fechada em 2017.

Em 18 de junho de 2019 foi aberta a Exposição “De Stonewall ao nuanças: 50 anos de ação” (Figura 2), com curadoria do Curso de Museologia da UFRGS em parceria com o grupo nuanças. Foi uma exposição temporária que recebeu mais de 3000 visitantes e que teve uma segunda edição realizada no mês de novembro de 2019 na cidade de Pelotas.

As duas experiências apontadas anteriormente são ainda pouco do que podem oferecer os cursos de Museologia à sociedade em geral e especialmente à comunidade LGBT. Para que a ausência da diversidade social seja superada é preciso dar visibilidade a todos os grupos



Grupo da curadoria/ Museologia UFRGS na abertura da Exposição. Foto: Ronaldo Milanez, acervo do Curso de Museologia UFRGS, 2019.

marginalizados, seja economicamente, seja socialmente. Os campos da História e da Memória precisam reinventar-se para dar conta de uma gama mais ampla de narrativas. A consolidação de acervos materiais e documentais mais diversos é fundamental neste processo.

Durante a exposição realizada em 2019 um passo foi dado, o acervo de cartas enviadas ao Nuances durante seus 29 anos de existência passaram a estar disponíveis à pesquisa no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Ainda no ano de

2019 o Núcleo de pesquisa Histórica da UFRGS digitalizou e tornou acessível todos os exemplares do Jornal do Nuances (<https://www.ufrgs.br/nphdigital/acervo/>), que está com sua coleção completa disponível à pesquisa. Porém, o nuances é somente um dos grupos que atuam no estado, há inúmeros outros, que constituíram acervos, realizaram atividades, produziram conhecimento. São poucos os museus e arquivos que tem se mostrado dispostos a realizar a guarda destes materiais, até quando?

Referências

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos. Revista Eletrônica Ventilando Acervos. Florianópolis, volume especial, n.1, p.132-146, 2017.

BAUER, Letícia; BORGES, Viviane. “Outras Memórias, Outros Patrimônios: desafios de fazer com e para os sujeitos envolvidos”. História Oral e Patrimônio Cultural. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BOITA, Tony. Memória LGBT: mapeamento e musealização em Revista, 2014, 62p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Museologia. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.

LE, GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Unicamp, 1996.

MARIUZZO, Patrícia. Os Desafios da Museologia de Gênero. Ciência e Cultura, v.68, n.4, São Paulo, 2016.

MENDONÇA, Heloísa. QueerMuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País Brasil, 13/9/2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html Acesso em 20/7/2020.